



INTERESSE FAMILIAR PELA/PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA ESCOLARIZAÇÃO DE ADOLESCENTES E FRACASSO ESCOLAR

Magda Floriana Damiani - Ufpel

Financiamento CNPq / Wellcome Trust / FAPERGS

Resumo:

Analisou-se a associação entre fracasso escolar e interesse/participação familiar em 4400 adolescentes de um estudo longitudinal. Os dados foram coletados em entrevistas com os sujeitos, aos 11/12 anos. A literatura indica que a mobilização familiar relativa à escolarização de seus membros tem efeitos positivos. A associação entre essas duas variáveis foi examinada por meio de análise quantitativa e interpretada, de maneira qualitativa, com base na Teoria Histórico-Cultural. Essa teoria entende que o comportamento humano é decorrente do contexto sócio-cultural em que está inserido. Os dados mostraram que 38% dos sujeitos já haviam sido reprovados alguma vez. Quem se interessava mais pela/participava mais da escolarização destes eram suas mães e o fracasso foi menos frequente naqueles que apontavam os dois progenitores, ou pelo menos um deles, como envolvidos em sua escolarização. Os percentuais de interesse/participação de diferentes pessoas na escolarização eram semelhantes em todos os grupos de renda, contrariando a ideia do pouco envolvimento familiar na escolarização, das famílias de baixa renda. Os resultados sugerem que um contexto familiar de interesse/participação gera, nos alunos atitude favorável aos estudos e, conseqüentemente, pode levá-los ao sucesso escolar.

Palavras-chave: fracasso escolar; interesse/participação familiar; estudo longitudinal; Psicologia Histórico-Cultural.

Introdução e revisão de literatura

O objetivo deste trabalho é analisar a associação entre desempenho escolar e interesse pela/participação na escolarização de aproximadamente 4400 adolescentes, por parte de suas famílias. Esses adolescentes integram um estudo longitudinal, ou seja, um estudo que os acompanha ao longo do tempo, desde seu nascimento. O grupo aqui analisado é composto por todos os nascidos vivos, em 1993, nos hospitais de uma cidade do sul do Brasil.

Acredita-se que ninguém discorde da afirmação de que, no senso-comum, os pais de alunos de classe popular são acusados de não se interessarem pela escolarização dos filhos. Tal atitude é considerada como um determinante dos baixos níveis de desempenho acadêmico verificados nos alunos desse grupo social. Partindo dessa ideia, este trabalho visa a examinar sua pertinência, estudando a associação entre fracasso escolar e a relação da família com o

processo de escolarização de seus membros mais jovens, bem como comparando esse interesse/essa participação nos diferentes grupos de renda dos participantes.

Os dados trabalhados são de natureza quantitativa, embora as associações estatísticas encontradas tenham sido interpretadas à luz da Psicologia Histórico-cultural de Vygotsky (1982; 1984; 2001). Este autor entende o comportamento humano como fruto do contexto sócio-histórico-cultural no qual as pessoas estão inseridas.

Embora fracasso escolar venha sendo estudado há muitos anos, como mostram os clássicos trabalhos de Soares (1986) e Patto (1990), ele continua merecendo a atenção de pesquisadores na primeira década do século XXI (BARBOSA, 2009; FARIAS, 2009; ZAGO, 2010), por manter-se como um dos mais graves problemas do sistema educacional brasileiro.

Uma visão geral sobre a baixa qualidade do desempenho dos estudantes brasileiros no ensino básico pode ser obtida, por exemplo, na análise dos censos escolares, publicados sistematicamente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)¹, do Ministério da Educação, juntamente com os resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) ou da Prova Brasil. Outros dados que revelam a situação precária em que se encontra nosso sistema educacional também podem ser encontrados nos sítios do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE)² ou do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes da (PISA)³.

Segundo Angelucci, Kalmus et al. (2004), Alves Ortigão e Franco (2007), Leandro e Rodrigues (2007), Menezes-Filho (2007) e Zago (2010) - citando apenas alguns dos pesquisadores voltados para essa temática -, o fracasso escolar é um fenômeno multideterminado: está associado tanto a variáveis relativas aos próprios estudantes e suas famílias, quanto a variáveis escolares e sociais.

Conforme Nogueira (2005, p. 567), em ampla revisão de literatura acerca das tendências atuais nas pesquisas sociológicas sobre a relação família-escola, os estudos realizados até a década de 70, apesar de não ignorarem o papel da família na escolaridade dos indivíduos, olhavam para esta em termos de seu pertencimento de classe. Assim, deixavam de lado a relação entre escolarização e funcionamento interno dos grupos familiares. A partir da década de 80, entretanto, no contexto do “deslocamento do olhar sociológico das macro-estruturas para as práticas pedagógicas cotidianas” (p. 567), as trajetórias escolares dos estudantes e as estratégias utilizadas pelas famílias, no decurso dessas trajetórias, passaram,

¹ Esses dados podem ser acessados no sítio do INEP: <http://www.inep.gov.br/>.

² <http://www.ibope.com.br>.

³ Dados do PISA podem ser encontrados em http://www.pisa.oecd.org/pages/0,2987,en_32252351_32235731_1_1_1_1_1,00.html.

igualmente, a ser consideradas como importantes foco de pesquisa. Segundo a autora, na forma de funcionamento da família contemporânea, os pais podem ser vistos como responsáveis pelos êxitos (ou fracassos) dos filhos. Nos casos bem sucedidos, “mobilizam um conjunto de estratégias visando elevar ao máximo a competitividade e as chances de sucesso do filho, sobretudo face ao sistema escolar, o qual, por sua vez ganha importância crescente como instância de legitimação individual e de definição dos destinos ocupacionais” (p. 572).

Pereira (2005) também discute o papel da família em relação ao fracasso/sucesso escolar das crianças, apresentando uma revisão de pesquisas brasileiras sobre o assunto. Em seu trabalho - “Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares” - revela que esses estudos indicam, igualmente, a família como fator relevante para o sucesso escolar dos filhos. Da mesma forma Barbosa (2009) e Barbosa e Randall (2004), baseados em suas investigações, argumentam que as expectativas familiares quanto à escolarização de suas crianças estão associadas ao sucesso escolar dessas, em todos os grupos socioeconômicos.

Lahire (1997, 2004), ao estudar o bom desempenho escolar que identificou em alguns grupos de crianças francesas de classe trabalhadora, descendentes de imigrantes, indica que o interesse e o valor atribuído pelos pais às experiências escolares podem afetar o rendimento de seus filhos. O autor entende que o discurso da omissão parental, ou seja, da indiferença dos pais de camadas populares em relação aos assuntos escolares em geral e, em particular, à escolaridade dos filhos, é um mito (1997). Para ele, esse discurso é usado pelos professores principalmente quando os pais não são vistos na escola - ideia corroborada por Vianna (2005). Lahire (1997) afirma que esses pais, de forma direta ou indireta, participam ativamente da escolarização de seus filhos e que são as mães e, com menor frequência, os pais, as pessoas que mais se interessam pelos assuntos escolares. O autor relata, inclusive, que muitos pais chegam a punir seus filhos pelo mau desempenho ou mau comportamento na escola, ilustrando o quanto os primeiros valorizam o sucesso escolar.

A partir de uma revisão de pesquisas que também analisam o desempenho escolar em um contexto migratório, Leandro e Rodrigues (2007, p. 102) afirmam que “o sucesso escolar de filhos de migrantes é possível quando a família consegue mobilizar energia, recursos econômicos, desenvolver e transmitir uma ética de esforço comum”.

Apesar de destas duas últimas pesquisas se referirem a famílias imigrantes, pode-se pensar que seus resultados se aplicariam também a famílias de baixa renda, pois esta é uma variável que, provavelmente, caracterize os grupos que deixam seus países e se estabelecem em outros, em geral mais ricos, para melhorar seus níveis de vida.

A seguir, descrevem-se os passos da análise realizada nesta investigação.

Caminho metodológico da investigação

Os dados analisados foram coletados quando os sujeitos tinham 11/12 anos, em 2004/2005 (último estudo de acompanhamento realizado com o grupo de participantes), atingindo 87,5% do grupo cadastrado ao nascer⁴. As informações acerca do interesse familiar na sua escolarização foram fornecidas pelos próprios adolescentes, por meio um questionário estruturado, respondido em suas residências⁵. A pergunta-foco da análise foi a seguinte: “Quem, na tua família, se interessa mais e participa das tuas coisas do colégio? Informações sobre o desempenho escolar dos sujeitos (reprovação) e renda familiar⁶ foram fornecidas por suas mães ou responsáveis, ao responder a outro questionário. Como se sabe que a reprovação escolar está associada à renda (BABOSA, 2009), esta variável foi analisada em termos de seu efeito sobre a relação entre interesse/participação familiar e desempenho escolar. As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) for Windows.

Resultados e discussão

Neste estudo, o fracasso escolar foi definido como presença de, pelo menos, uma reprovação durante o processo de escolarização do aluno.

A primeira análise realizada foi dirigida a identificar a prevalência de fracasso no grupo de sujeitos analisados. Os resultados mostram que, até os 11/12 anos, aproximadamente 38% dos adolescentes já haviam sido reprovados na escola, alguma vez, indicando que o sucesso escolar está longe de ter sido alcançado pela maioria dos integrantes desse estudo longitudinal - como seria desejável.

As próximas análises foram voltadas para o exame de quem mais se interessava pela/participava da escolarização dos adolescentes e da associação entre essa variável e a existência de reprovação na história escolar desses sujeitos. Essa associação foi examinada por meio do Teste de Qui-quadrado, que tem o objetivo de testar as diferenças entre as

⁴ Entre os sujeitos não encontrados, incluem-se os que morreram (principalmente durante os primeiros anos de vida) e os que se mudaram e não informaram seus novos endereços.

⁵ Os sujeitos participam do estudo desde o nascimento, tendo as famílias assinado formulário de consentimento para o uso dos dados coletados em pesquisas.

⁶ Os adolescentes foram divididos por quintis (cinco grupos iguais) de renda familiar mensal. “O quintil de rendimento é calculado ordenando a população (de uma região, país etc.) do indivíduo mais pobre ao mais rico, para depois dividi-la em 5 partes de igual número de indivíduos. O primeiro quintil (Q1) representa a porção da população mais pobre; o segundo quintil (Q2), o seguinte nível, e assim sucessivamente até o quinto quintil (Q5), representante da população mais rica (REVISTA RADIS, 2010, p. 1).

frequências das variáveis observadas no grupo estudado e as frequências que poderiam ser esperadas, caso não houvesse diferenças entre as categorias dessas variáveis (REA e PARKER, 2000). A Tabela 1 mostra os resultados destas análises.

Tabela 1: Associação entre não-reprovação/reprovação e quem mais se interessa pela/participa da escolarização do adolescente.

Variáveis		Adolescentes que nunca foram reprovados n (%)	Adolescentes que já foram reprovados n (%)	Total n (%)	p
Quem mais se interessa pela/participa da escolarização	Mãe	1674 (63,9)	945 (36,1)	2619 (100)	<0,0001
	Pai e mãe	542 (69,6)	237 (30,4)	779 (100)	
	Outros	186 (54,4)	156 (45,6)	342 (100)	
	Irmão	164 (50,9)	158 (49,1)	322 (100)	
	Pai	161 (61,2)	102 (38,8)	263 (100)	
	Ninguém	22(38,6)	35(61,4)	57 (100)	
Total		2.749	1.633	4.382	

O exame dos números brutos informados na primeira coluna de dados da Tabela 1 mostra que eram as mães as pessoas que mais se interessavam pela escolarização dos adolescentes ou dela participavam. Os percentuais de escolha correspondentes a cada membro da família não foram incluídos nessa tabela (eles aparecem na última coluna da Tabela 2), mas seu exame é importante: em torno de 60% dos sujeitos apontou a mãe como mais interessada/participativa. Seguem pai e mãe juntos (opção apontada por, aproximadamente, 18%), ficando as outras opções com as seguintes frequências aproximadas: outros – 8%; irmão – 7%; pai – 6%; e ninguém – 1%. Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Lahire (1997) e Leandro e Rodrigues (2007), conforme comentado anteriormente, em grupos de imigrantes. Somadas as opções “mãe”, “pai e mãe” e “pai”, observa-se que, aproximadamente, 84% dos adolescentes percebiam interesse ou participação dos pais (ou, pelo menos, de um deles) em relação a sua escolarização.

Quando se analisa, também com o auxílio da Tabela 1, a associação entre quem se interessa mais pela/participa mais da escolarização e desempenho escolar do adolescente (não-reprovação/reprovação), nota-se que há diferenças estatísticas altamente significativas entre os grupos ($p < 0,0001$). Nos que assinalaram a opção “pai e mãe”, o percentual de não reprovados foi o maior: 69,6% contra 30,4% de reprovados. Entre os que indicaram “mãe”, 63,9% nunca foram reprovados contra 36,1% que o foram. Seguem, por ordem decrescente de percentuais, as opções: “pai” (61,2% contra 38,8%), “outros” (54,4% contra 45,6%) e “irmão” (50,9% contra 49,1%). Quando ninguém se interessava pela/participava da escolarização do adolescente, verificou-se uma inversão significativa de resultados: 38% de não-reprovação

contra 61,4% de reprovação. Esses dados mostram a importância de que o estudante perceba que alguém (especialmente os pais) tem interesse e, portanto, participa de sua escolarização, esperando e/ou, possivelmente, investindo tempo e esforço para que ele tenha bom desempenho escolar.

Os achados recém apresentados vão ao encontro daqueles encontrados nas pesquisas revisadas (PEREIRA, 2005; BARBOSA, 2009; BARBOSA e RANDALL, 2004), que também indicam a importância da participação da família no sucesso escolar de estudantes. Os resultados mostram, no entanto, que quando interessado/participante apontado é um irmão, o percentual de reprovação permanece semelhante ao de não-reprovação. Este dado sugere que o interesse/a participação de um irmão não é significativo(a) para o adolescente, ao contrário do interesse/da participação dos pais.

É interessante analisar o efeito positivo (embora pequeno) do interesse/da participação de “outros” para o sucesso escolar do adolescente. A hipótese para explicar esse efeito talvez esteja relacionada à inclusão de avós ou outros substitutos parentais significativos nesse grupo.

Como forma de verificar se as famílias de nível socioeconômico se interessam/participam, de maneira igual às de classe média, em relação à escolarização de seus membros, resolveu-se analisar a associação entre interesse/participação e renda familiar mensal. A Tabela 2 apresenta o resultado dessa análise. Nela, observa-se que a distribuição da variável “quem mais se interessa pela/participada da escolarização” é bastante semelhante em todos os quintis de renda familiar mensal, isto é, em todos eles, aparece a mãe como a pessoa principal (em cerca de 60% dos casos). A distribuição das outras opções também é semelhante em todos os grupos de renda e equivalente ao resultado obtido para o grupo todo, sem divisão por renda.

Tabela 2: Associação entre quem se interessa pela/participa da escolarização do adolescente e renda familiar mensal

<i>Renda (quintis)</i>	<i>1</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>4</i>	<i>5</i>	<i>Total</i>
<i>Quem se interessa</i>						
<i>Mãe</i>	544 (61,7)	549 (60,1)	503 (59,0)	514 (58,3)	526 (59,3)	2636 (59,7)
<i>Pai e mãe</i>	128 (14,5)	140 (15,3)	154 (18,1)	178 (20,2)	190 (21,4)	790 (17,9)
<i>Outros</i>	60 (6,8)	85 (9,3)	62 (7,3)	69 (7,8)	68 (7,7)	344 (7,8)
<i>Irmão</i>	79 (9,0)	80 (8,8)	71 (8,3)	58 (6,6)	36 (4,1)	324 (7,3)
<i>Pai</i>	56 (6,3)	47 (5,1)	46 (5,4)	56 (6,3)	60 (6,8)	265(6,0)
<i>Ninguém</i>	15 (1,7)	12 (1,3)	16 (1,9)	7 (0,8)	7 (0,8)	57 (1,3)
<i>Total</i>	882 (100)	913 (100)	852 (100)	882 (100)	887 (100)	4416 (100)

A análise da Tabela 2 sugere que os resultados expostos na Tabela 1, ou seja, a associação entre quem mais se interessa pela/participa da escolarização do estudante e reprovação, não necessita ser controlada para o efeito da renda. A renda parece não se constituir em fator de confusão que interfira na associação analisada. Entretanto, podem existir outras variáveis de confusão que afetem essa associação, as quais, entretanto, não se têm condições de conhecer ou analisar a partir dos dados disponíveis no estudo longitudinal.

Os resultados recém apresentados indicam que mães e pais (principalmente as primeiras), ao demonstrarem interesse por/participarem dos estudos de seus filhos adolescentes, podem afetar o desempenho escolar destes. Pode-se pensar que os progenitores que mostram tal interesse ou que participam da vida escolar de seus filhos criam uma cultura familiar pró-escolarização, sem reprovações, em seus filhos. Esse fato indica a importância do contexto social e das relações interpessoais para o sucesso escolar, argumento que se baseia nas ideias da Teoria Histórico-Cultural, iniciada por Vygotsky (1984).

Vygotsky (1984) explica que, desde que nascemos, inserimo-nos na vida de nossa comunidade, internalizando sua cultura, seus significados, seus papéis sociais, seus valores, etc. Tudo o que é especificamente humano se origina na vida social, argumenta o autor. Ao tentar explicar como isso ocorre, Vygotsky (1982) analisa as relações entre mães e seus filhos pequenos, destacando o fato de que as primeiras, quando querem ensinar algo que consideram importante aos segundos, dirigem a atenção deles para o foco desejado. Os filhos, por sua vez, tendem a seguir as orientações das mães. Mais tarde, estes tendem a assumir o controle da própria atenção e passam a desempenhar, em relação a si mesmas, o papel que antes havia sido desempenhado por aquelas. Segundo Vygotsky (1982), agimos, em relação a nós mesmos, da mesma maneira que os outros agiram em relação a nós.

De acordo com Shotter (2006), autor que se baseia nos princípios e ideias da Teoria Histórico-Cultural, as coisas mais importantes que podemos dizer a outra pessoa, se quisermos produzir nela alguma mudança em sua forma de estar no mundo, são: Pare! Olhe! Escute! Essas palavras são capazes de quebrar a rotina de suas atividades, trazendo à tona aspectos destas que antes passavam despercebidos. Para Shotter (2006), ao invés de explicarmos as coisas em termos abstratos, podemos ensinar aos outros nossa maneira de nos relacionarmos com o ambiente, por meio de palavras proferidas em momentos cruciais de suas atividades. As manifestações positivas ou críticas dos pais acerca do desempenho escolar dos filhos, por exemplo, podem ser incluídas nessa situação. No entanto, não se pode ter certeza de que o fato de ser alertado sobre alguma coisa, necessariamente, produz consciência sobre essa coisa e controle sobre nosso comportamento. Não nos comportamos de uma forma

ou de outra simplesmente porque alguém nos aponta essa necessidade ou por que pensamos em nosso comportamento. O pensamento, sozinho, não é capaz de comandar nosso modo de sermos e de nos comportarmos. Nossos processos cognitivos estão estreitamente ligados às nossas emoções – ou afecções por objetos, pessoas ou imagens. A cognição e o afeto são inseparáveis (AIDMAN & LEONTIEV, 1991, VIGOTSKI⁷, 2001).

A partir dessas ideias, é possível construir a hipótese de que as mães (e os pais, em menor escala), ao mostrarem interesse pela/participarem da escolarização dos filhos, fornecem a eles um exemplo de valorização da instituição escolar que parece ser tomado como referencial e que passa a ser internalizado e reproduzido como importante e relevante. Parece ser possível supor, como forma de explicar as associações entre as variáveis encontradas neste estudo, que o envolvimento com a vida escolar do filho, demonstrado pela mãe e/ou pelo pai, são fontes de afecção dos adolescentes, isto é, são capazes de afetá-los, envolvê-los positivamente. Essa ligação afetiva pode, como consequência, levar os jovens, como seus pais, a valorizar e investir nos estudos, evitando as reprovações.

Comentários finais

Os achados deste estudo indicam que há uma forte associação entre interesse pela/participação na escolarização dos filhos, por parte dos pais e não-reprovação (sucesso) escolar. Embora as análises tenham sido realizadas a partir de uma pergunta ampla, que poderia ter diferentes interpretações por parte dos sujeitos, pensamos que elas nos dão indícios de que essa associação é forte. Essas análises também nos levam a questionar os estereótipos relativos à relação entre família e escola, principalmente voltados às classes populares, que circulam em nosso meio educacional.

Os achados confirmam as tendências descritas por Lahire (1997, 2004) Leandro e Rodrigues (2007), Pereira (2005), Vianna (2005), que apareceram tanto em suas próprias investigações, quanto nas revisões bibliográficas que apresentam - embora as pesquisas dos primeiros se voltem a grupos de imigrantes, como foi comentado. Os achados mostram que um grande percentual das famílias dos integrantes do estudo longitudinal, de todos os níveis de renda, que tinham filhos de 11/12 anos, se interessava pela/participava da escolarização destes. Apenas 9% dos sujeitos disseram que ninguém (ou outras pessoas, que não os seus pais) se interessava por/participavam de seus estudos e isso ocorreu, de maneira semelhante, em todos os grupos de renda familiar.

⁷ As grafias diferentes relativas ao nome desse autor obedecem aos formatos utilizados pelos editores de seus livros.

Os resultados também confirmam as ideias dos pesquisadores anteriormente citados quanto à predominância da mãe como o membro da família que mais se envolve no processo de escolarização das crianças e adolescentes. Em adição a isso, indicam que isso ocorre em todos os grupos de renda.

Convém ressaltar a necessidade de que os resultados deste estudo sejam explorados com mais detalhes em trabalhos posteriores, de caráter qualitativo, que possam trazer maior volume de informações para explicar os complexos processos envolvidos nas associações constatadas. A análise quantitativa realizada não consegue capturar os processos envolvidos na relação interesse por/participação da família e escolarização, sendo apenas capaz de identificar associações estatisticamente significativas. Por sua vez, nossa tentativa de explicação, baseada nas ideias da Teoria Histórico-Cultural, deve ser considerada apenas como uma hipótese, que necessita ser futuramente testada.

Para finalizar, pensa-se ser importante enfatizar que os achados desta pesquisa, relativos ao papel das variáveis familiares no desempenho escolar de adolescentes, não implica em negar ou minimizar os efeitos das variáveis sociais e escolares sobre esse desempenho. Os estudos clássicos sobre o fracasso escolar, anteriormente citados, cujos resultados e suas interpretações ainda nos parecem atuais, mostram com nitidez o papel desempenhado por esse grupo de variáveis, não diretamente ligadas ao aluno ou sua família. Assim, há necessidade de pesquisas que possam examinar os efeitos integrados de todas as variáveis relacionadas ao desempenho escolar. O fracasso, como já afirmamos, é um fenômeno multideterminado e demanda estudos que possam examiná-lo em toda sua amplitude.

Referências

AIDMAN, Eugene. V., LEONTIEV, Dimitri. A. From being motivated to motivating oneself: a vygotskian perspective. *Studies in SovietThought*, n.42, p.137-15, 1991.

BARBOSA, Maria Ligia de O. *Desigualdade e Desempenho: uma introdução à sociologia da escola brasileira*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

BARBOSA, Maria Ligia de O., RANDALL, Laura. Desigualdades Sociais e a Formação de Expectativas Familiares e de Professores. In: *Caderno CRH*, Salvador, v.17, n.41, p. 299-308, 2004.

BOSSA, Nádía. A. *Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico*. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

FARIA, Gina Glaydes G, de. Os Ciclos do Fracasso Escolar da Marginalidade à Diversidade Cultural. In: *Anais da 32ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED*, Caxambu, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT13-5454--Int.pdf>. Acesso em: 3/5/2011.

IBOPE Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. *Prova ABC traz dados inéditos sobre a alfabetização das crianças no Brasil*. IBOPE, 2011. Disponível em <<http://www.ibope.com.br>>. Acesso em 22/8/2011.

LEANDRO, Maria Engrácia; RODRIGUES, Victor Terças. Da migração dos pais à escolarização dos filhos: o caso dos portugueses em França. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 20, n.1, 2007, pp.99-128.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. As origens da desigualdade escolar. In MARCHESI, Álvaro, GIL, Carlos H. (orgs.) *Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: ArtMed, 2004, cap. 5, p. 69-75.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social [online]*. n.176, p. 563-578, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000400005&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0003-2573. Acesso em 16/03/2012.

PATTO, Maria Helena de S. *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Quiróz, 1990.

PEREIRA, Adriana da Silva A. *Sucesso escolar de alunos dos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares*. Dissertação de Mestrado defendida na PUCMINAS. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_PereiraAS_1.pdf. Acesso em 25/09/2010.

REA, Lois M., PARKER, Richard A. *Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira, 2000.

REVISTA RADIS: comunicação e saúde. *Acesso ao uso de serviços de saúde pelos brasileiros*. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro. n. 96, 2010 Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/radis/revista-radis/96/reportagens/acesso-e-uso-de-servicos-de-saude-pelos-brasileiros>. Acesso em: 10/03/2012).

SHOTTER, John. Con-scientia, as witnessable knowing along with others. *Theory & Psychology*, v. 16, n.1, p. 13–36, 2006.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola uma Perspectiva Social*. São Paulo: Ática, 1986.

VIANNA, Maria José B. As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 90, p. 107-125, Jan./Abr. 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras Escogidas*, vol. I, Moscú: Editorial Pedagógica, 1982. (Sobre los sistemas psicológicos, p. 71-93.)

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras Escogidas*, vol. IV, Moscú: Editorial Pedagógica, 1984. (Dinámica y estructura de la personalidad del adolescente, p. 225-247).